

# Freud reinventando Freud: um retorno às origens<sup>1</sup>

## Por uma metapsicologia da pulsão de morte

Ignácio Alves Paim Filho<sup>2</sup>

**Resumo:** O texto tem como proposta repensar os noventa anos de história do *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920). A partir dele, o autor se propõe a fazer uma montagem que produza sustentação a uma metapsicologia da pulsão de morte. Para realizar tal meta tomará como balizadores da sua proposição os seguintes trabalhos: *O estranho* (1919), *O problema econômico do masoquismo* (1924), *A negativa* (1925) e o *Mal-estar na cultura* (1930). Fazendo um recorte e alinhavando esses textos, discorre sobre os caminhos e descaminhos da metapsicologia da pulsão de morte, do tanático ao criativo, vindo a interrogar-se sobre as origens do aparato psíquico. Nesse sentido, dedica-se a uma leitura pontual sobre o masoquismo (1924), conjectura a pertinência de pensarmos a existência de um masoquismo primário não erógeno. A importância dele estaria vinculada aos enlaces e desenlaces das inscrições psíquicas que remetem ao que está além do princípio do prazer. Diante desse cenário, propõe pensar os destinos desse masoquismo primário não erógeno: do traumático, não passível de transformação (irrepresentável), ao masoquismo primário e erógeno (representável).

**Palavras-chave:** masoquismo primário, pulsão de morte, não erógeno, criação.

*[...] mas não posso mais entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e destrutividade não erótica e falhado em conceder-lhe o devido lugar em nossa interpretação da vida.*

(Freud, 1930/1969, p.142).

No início da década de vinte, no século passado, a psicanálise estava completando aproximadamente trinta anos de existência, tomando por referência o trabalho *As afásias* (Freud, 1891/2004). Nessas três décadas, a psicanálise adquiriu reconhecimento como método de tratamento das doenças da alma, bem como uma forma de compreensão do humano e seu meio cultural, expandindo-se por vários países, conquistando continentes. O saber proposto pelo fundador, que até então movia e estimulava o pensar da cultura psicanalítica, tinha no paradigma da pulsão sexual e suas vicissitudes a essência do sujeito psíquico.

1 Trabalho apresentado no XXIII Congresso Brasileiro de Psicanálise, na mesa: “Mais além do princípio do prazer: 90 anos depois de Freud”.

2 Psicanalista, membro pleno do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre CEP de PA, e membro titular da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre SBP de PA.

Sujeito esse se constituindo no interjogo do princípio do prazer e do desprazer, tendo no recalçamento, por primazia, o seu elemento estruturador.

Contudo, a clínica freudiana no seu constante pulsar, assim como as ressonâncias do traumático após a primeira Guerra Mundial, interrogavam as premissas metapsicológicas e técnicas vigentes instigando o conquistador da terra proibida, o inconsciente, a ousar revolver e expandir sua teoria pulsional. Compreendo que o grande interrogante se dá através da enigmática repetição, pois até 1919-1920, essa estava sustentada na ideia de uma repetição em nome do que foi, em algum momento, prazeroso para o sujeito. Então, o enigma se apresenta: por que o que nunca foi prazeroso se repete? Essa pergunta traz novamente para o centro da cena as manifestações clínicas da compulsão à repetição. Momento de ruptura com o monismo do aforismo até então vigente: desprazeroso para um sistema, prazeroso para outro.

Partindo dessa vertente, Freud vai escrever dois trabalhos – *O estranho* (1919/1969) e *Além do princípio do prazer* (1920/2006), que no seu conjunto marcam o nascimento do conceito revolucionário da metapsicologia freudiana: a pulsão de morte; momento histórico que vai ser imortalizado na célebre expressão: a virada de vinte.

Antes de seguir com minhas reflexões, penso ser importante destacar que pretendo fazer uma leitura muito singular sobre a proposta da mesa-redonda da qual este trabalho se originou: “Mais além do princípio do prazer: 90 anos depois de Freud”. Nesse sentido, vou ocupar-me “com Freud” e não com “depois de Freud”. Ao propor esse caminho, tenho em mente que a temática trabalhada por ele sobre uma possível metapsicologia da pulsão de morte, é o que temos de mais significativo e produtivo, para nos havermos com os desafios da nossa psicopatologia da clínica cotidiana às realizações culturais. Entendo-o como o clássico dos clássicos e, sendo assim, tem muito a nos narrar, tanto que segue clamando por interlocutores. Nessa acepção, lembro Calvino: “um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha de dizer” (1991/1993, p.11), ou ainda, “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível” (Calvino, 1991/1993, p.15).

Diante disso, retornemos às origens, aos desdobramentos do pensamento daquele que ousou várias vezes reinventar-se, bem como à sua ciência. Vamos ouvir novamente seus rumores. No texto de 1919, Freud busca o saber dos escritores criativos para começar a pensar o caráter repetitivo da própria pulsão, um mais além. Nesse sentido, o conto de Hoffmann, *O homem de areia* (1916, como citado em Freud, 1920/2006), é profícuo para refletir as sensações de estranhamento do arcaico: o dar vida ao inanimado. O surgimento de inquietações permeadas por ambiguidades que circulam entre o conhecido/familiar e o desconhecido. Vai trabalhar a proposta de uma estética psicanalítica que não transita pela via do belo, mas pela via da qualidade do sentir e, por esse caminho, lança um olhar para o horror. Que horror seria esse? O horror da castração? O horror da finitude e do desamparo? Talvez pudéssemos sinteticamente falar do horror em face do encontro com a força disruptiva (demoníaca) da pulsão, com o que não se deixa conter, com o que tem uma demanda de descarga absoluta. Portanto, temos aí o demoníaco capturando a percepção do bicho homem.

Nesse ensaio, a palavra freudiana está revestida de sutileza que revela mistérios e exige do seu leitor uma escuta extremamente refinada. Recordemos sua ideia sobre *Das Unheimliche* – que propõe como sendo uma peculiar forma de retorno do recalçado. Algo que carece de maior qualificação, que se dá por sensações, evoca seu vínculo com a representação; porém, acima de tudo, revela sua origem pulsional, o que é da esfera do inapreensível.

Seguindo por essas associações, podemos dizer que essas inquietantes estranhezas remetem ao que há de mais pulsional no inconsciente recalçado. Ampliando e interrogando os mistérios do pensamento de Freud, surgem as seguintes questões: essas sensações que remetem ao pulsar da pulsão – repetir – não podem também ser uma forma de comunicação do que está mais além do recalçado? Ou, ainda, ao que não está subordinado às leis do princípio do prazer? Deixemos em aberto, por enquanto, essas indagações. O que podemos afirmar, a partir desse momento, é que estão lançadas as bases para que em 1920 ocorra o aparecimento simbólico da pulsão de morte.

Portanto, abastecido com a montagem de 1919, Freud vai conceber e propor uma nova dualidade pulsional: pulsão de morte *versus* pulsão de vida. Esse trabalho de 1920 transita sob a ótica de duas perspectivas: de um lado, a necessidade de Freud buscar ancoragem para o seu novo paradigma na biologia, não discriminando, por exemplo, a morte do corpo somático da pulsão de morte; e de outro lado, começa a efetivar-se o delineamento de um lugar singular para ela, fazendo com que ganhe mais autonomia, ou seja, um comprometimento em menor grau com a visão das ciências da natureza. Podemos dizer que Freud nomeia a pulsão de morte, porém ainda não dimensiona toda a sua relevância metapsicológica e seu caráter altamente subversivo que fará dela a pulsão por excelência.

Acredito que a construção desse conceito, que vai refundar a metapsicologia, necessitará de dez anos de trabalho até que Freud possa explicitar a real importância da pulsão de morte, da origem aos destinos do sujeito. Aqui surge uma questão que deixo assinalada para reflexão de meus leitores: Freud necessitou de dez anos, e nós necessitaremos de quantos? Durante esse tempo de muita fertilidade freudiana, encontramos a produção de três trabalhos magistrais e também perturbadores: “O problema econômico do masoquismo” (1924/2007); “A negativa” (1925/1969); e “O mal-estar na civilização” (1930/1969). Por entender que os textos de 1924 e 1930 têm um eixo associativo que remetem, com mais intensidade, ao destino tanático da pulsão de morte, vou ocupar-me primeiramente deles, e num segundo tempo, retomarei o trabalho de 1925, que em sua tessitura encobre e descobre o potencial pró-vida da pulsão de morte.

No artigo de 1924 deparamo-nos, de fato, com o problema metapsicológico do masoquismo, e não somente com o seu problema econômico do qual destaco o enigmático masoquismo primário e erógeno. Ao postular esse masoquismo, Freud coloca a pulsão de morte ligada pela libido da pulsão sexual nas origens do psiquismo, tendo na “solidariedade-excitatório-sexual”<sup>3</sup> o seu mediador. Podemos afirmar que, com esse texto, Freud inaugura o lugar primordial da pulsão de morte, anterior à presença da libido da pulsão sexual: “segundo ela, ao surgir, a libido teria encontrado a pulsão de morte – ou de destruição – já predominando nos seres vivos” (Freud, 1924/2007, p.109).

Com o advento do *Mal-estar na civilização* (1930), a pulsão de morte adquire sua configuração de conceito central no pensamento freudiano com toda a sua subversividade. Consolida-se o desprendimento e a diferenciação da pulsão de morte da morte biológica. O desligado do traumático está implicado na morte psíquica, seja pela destruição do desejo e/ou pelo não acontecer do desejo. Neste texto vai ocupar-se do mal radical do e no homem, a destrutividade como força motriz, que necessita ser domada pela eficácia da libido. Esse

3 Para refletir sobre a função mediadora da solidariedade ou mesmo da coexcitação sexual, remeto o leitor ao trabalho: “Solidariedade-excitatória-sexual: um conceito metapsicológico?” (Paim Filho et al, 2011).

mal-estar, diferente do mal-estar pela renúncia ao desejo sexual, que a cultura impõe ao sujeito, como nos mostra o artigo “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna” (1908/1969), revela a angústia da autodestrutividade e suas intercorrências quando do acontecer da alodestrutividade.

O mal-estar denunciado em 1930 traz à tona a maior complexidade na estruturação do sujeito psíquico e da cultura, da qual criador e criação têm, na onipresença da pulsão de morte, uma eterna esfinge. Portanto soma-se à força do desejo proibido, universo da sexualidade infantil regida pelo princípio do prazer/desprazer, que busca por meio dos destinos da pulsão sexual mediar as demandas do indivíduo e do meio social, a força do não desejo, universo do caos pulsional, regido pelo princípio de nirvana. De forma esquemática, podemos dizer que nosso mal-estar é decorrente da força da libido (desejo) + força da destrutividade, submetidas aos mecanismos que visam a sua contenção.

Em julho de 1925, Freud vai ocupar-se da escrita de um pequeno texto de apenas seis páginas: “A negativa” (*Die Verneinung*). Nele nos encontramos com uma temática aparentemente técnica, porém a metapsicologia vai se delineando em cada detalhe e nos surpreende ao revelar a origem pulsional da negação e seu lugar na estruturação do aparato psíquico. Pode-se inferir do texto que ali estão lançados os fundamentos para se especular o postulado filosófico, a positividade da negatividade. Esse aspecto é abordado com profundidade por Hypollite (1966/1998), que toma como referência o pensar de Hegel, sobre o caráter ontológico da negatividade.

Seguindo por essa linha de trabalho, resgato as palavras de Freud enunciadas no penúltimo parágrafo, alguns instantes antes de finalizar sua exposição: “a afirmação – como substituto da união pertence a Eros; a negativa – sucessor da expulsão – pertence ao instinto de destruição” (Freud, 1925/1969, p. 300). Destaco a relação intrínseca entre a negativa e a pulsão de destruição – fixemos essa ideia; agreguemos uma segunda proposição freudiana: “um juízo negativo é o substituto intelectual da repressão; o seu ‘não’ é a marca distintiva da repressão, o seu certificado de origem – tal como, digamos, *Made in Germany*” (Freud, 1925/1969, p.297). Temos aqui uma série complementar: pulsão de destruição – a expulsão – a negativa – o recalque.

Ao olhar essa série, sou tomado pelo *unheimliche*; como ligar a pulsão de destruição com o recalque, que é um dos destinos de Eros? Eis aí mais um enigma da esfinge, vejamos como podemos decifrá-lo. Freud, ao conceber essa sua proposição, estava integrado de forma densa e circunscrita à metapsicologia da pulsão sexual, exteriorizada nos trabalhos de 1914-15, com uma possível metapsicologia da pulsão de morte. Visando dar textura a essa proposição percorro o seguinte trajeto: aponto que os destinos da pulsão sexual cumprem uma dupla função: satisfação da demanda pulsional e defesa contra essa demanda. Tomando o recalque como paradigma, compreendo que ele desempenha essa duplicidade, viabilizando algum nível de satisfação através do retorno do recalcado e a contenção, por meio de recalque primário e do secundário. Ao fazer sua função de impedir a livre satisfação da demanda pulsional, está negativando a força de pulsão, ou seja, está dizendo “não” à satisfação do desejo em seu estado primordial. Esse processo, à luz da metapsicologia da pulsão de morte versus a metapsicologia da pulsão sexual, significa: de um lado, o corte/cisão (pulsão de morte/negação) que permite a contenção e, de outro, a criação de um espaço que contenha a história das vicissitudes de Eros. Isso fará Hypollite dizer: “mas negar é mais do que destruir” (1966/1998, p. 898). Portanto, a

negação no recalque, abastecida pela força disruptiva da pulsão de morte, torna factível que esse negado mantenha-se exilado e, ao mesmo tempo, trabalhando para obter a satisfação. Recordemos que Freud, em 1915, pontua que o recalco prolifera no escuro.

Compreendo que Freud, com essa série complementar e sua dinâmica, inaugura o processo que permitiu aos pós-freudianos, como Green, desenvolver suas ideias sobre o trabalho do negativo (1993/2010). Ao fazer essa montagem, mesmo sem ampliar a ideia, abre a probabilidade de uma nova perspectiva metapsicológica para se equacionar à problemática da pulsão de morte. Isso permite um alargamento desse conceito mais além da sua tanacidade.

Diante desse contexto, a destrutividade pode e deve ser pensada em sua duplicidade; como destruição tanática, que impede a construção de novos significados, como temos exemplificado nas chamadas patologias do não representável e como destruição vitalizante que possibilita, com a desconstrução do estabelecido, a criação de condições para o advir de novas ligações. Pensando em criação evoco a sublimação, destino da pulsão sexual (conjunção), que tem na força disjuntiva da pulsão de morte uma fonte propulsora para o seu acontecer.<sup>4</sup> Nesse sentido é emblemática a palavra de Freud, no seu trabalho inacabado, “Esboço de psicanálise”: “o objetivo do segundo (pulsão de morte), pelo contrário, é desfazer conexões e assim destruir coisas” (1938/1969, p. 173). Fazendo um parêntese inquiridor e refletindo a clínica, as palavras “desfazer conexões” não traduzem uma das funções da intervenção do analista? Ampliar a capacidade sublimatória não é uma das finalidades de uma análise? Sendo assim, a pulsão de morte estaria implicada diretamente na construção do caminho da cura? Entendo que sim, pois, de forma ampla, podemos dizer que todo sujeito que nos procura vem em busca de modificar o seu jeito repetitivo de ser, romper, desfazer conexões e poder criar novos nexos; em termos pulsionais, intrumentalizar o potencial desorganizador da destruição com o potencial organizador da libido. Nesse sentido, recorro a atenção flutuante, sustentada no intercâmbio pulsional: a atenção é tributária de Eros, ao passo que a flutuação o é da pulsão de morte.<sup>5</sup> Porém, retornemos ao nosso escrito, com a expectativa de que essas questões produzam de-sassossego em meus leitores.

Não esqueçamos: a pulsão de morte não tem qualidade, é somente uma força cega que pulsa visando à descarga. Podemos, balizados por esse pensar, referendar a ideia de a angústia ser a melhor forma de apresentação do irrepresentável da pulsão de morte, desde a angústia-sinal à angústia automática (Freud, 1926/1969). O qualitativo de vitalizante ou tanática vai ser dado pelo colorido da libido da pulsão sexual, a qual contém e é contida pelo objeto. Sendo assim, temos posto que a libido é quem vai indicar o caminho a ser percorrido pela força originária da pulsão de morte nas suas mais variadas formas de repetição.

Após esse breve recorte sobre a construção do conceito da pulsão de morte, que remete a um além do princípio do prazer, estamos em condições de, decorridos esses noventa anos de história, repensar a vitalidade e a pertinência do pensamento freudiano.

4 No artigo “O pulsar da pulsão e os enigmas da criação” (Paim Filho & Frizzo, 2008), os autores desenvolvem a ideia da relevância da pulsão de morte como um dos protagonistas do processo de sublimação. Tomam como estímulo o postulado de que a pulsão de morte, ao romper com a repetição do mesmo, libera a energia para uma repetição diferencial, atravessada pela força de ligação de Eros.

5 Paim Filho e Leite (2010) desenvolvem essa ideia, propondo uma compreensão metapsicológica para essa recomendação técnica e ressaltando sua importância como instrumento vital na função de escuta dos derivativos do inconsciente recalco e do não recalco.

### **Pulsão de morte: a gênese do masoquismo em pauta**

Acredito que o texto de 1924 sobre o masoquismo contenha, implícita e explicitamente, ideias a serem especuladas, que podem ser fontes norteadoras para se pensar uma metapsicologia da pulsão de morte. Tomarei então por interlocutor o não representável, presente na constituição do aparato psíquico da normalidade à patologia. Vou debruçar-me sobre ele, objetivando a reflexão sobre a existência de um masoquismo primário não erógeno.

Recordemos que, nesse texto de 1924, Freud vai cunhar a expressão masoquismo primário e erógeno. Ao nos reportarmos a essa expressão, é chamativa a necessidade de Freud de agregar o adjetivo erógeno. Parece-me uma redundância, pois o substantivo masoquismo já contempla o sexual. Porém, avento a possibilidade de que essa forma de adjetivação tenha por meta ressaltar a importância do sexual para domar a força indomável da pulsão de morte. Contudo, referendado pelo método pensante de Freud, que trabalha com par de opostos – como, por exemplo, processo primário *versus* processo secundário; princípio do prazer *versus* princípio da realidade; recalçamento primário *versus* recalçamento secundário; pulsão de vida *versus* pulsão de morte –, concluo que ele nos legou um trilhamento para concebermos o par complementar do masoquismo primário e erógeno que seria o masoquismo primário não erógeno. Sendo assim, surge uma questão: qual a relevância desse masoquismo para a teoria e, por conseguinte, para a clínica? Eis aí o nosso interrogante, a clínica contemporânea. Clínica que versa sobre os enigmas da neurose, da psicose e da perversão, que contém em seu cerne o universo do representável e tem na força do desejo o móbil da sua dinâmica, que pode ser recalçado, desmentido e/ou forcluído. Associa-se a essa clínica familiar do nosso cotidiano, mas, também, não tão familiar, o desconhecido universo do não representável, que os chamados estados limites exemplificam e, ao mesmo tempo, rogam por elucidação.

Partindo da ideia freudiana de que o masoquismo é produto do encontro da pulsão de morte pela pulsão sexual, podemos inferir que ele representa um momento, mesmo que mítico, inaugural da psique. Com isso, dor sem prazer e prazer com dor passam a ser constitutivos da estruturação da subjetividade do ser humano. Se tomarmos como ponto de partida a desamparada cria humana, com seu caótico orbe pulsional, veremos que essa vai constituir-se na direta proporção do investimento libidinal dos objetos primordiais.

Sendo o masoquismo o destino primeiro, originário, que dará alguma ordem à desordem pulsional, vejamos por que caminhos a psique vai despontar. Para cumprir tal meta, faz-se necessário esclarecermos a posição ocupada pelo erógeno nas vicissitudes desde o originário. Como dissemos acima, ele é a marca que vem para ressaltar a importância decisiva da libido que determinará destinos. Suponho que Freud, ao falar do masoquismo primário e erógeno como um elemento estruturante, traça uma linha associativa com o processo da repetição, da sua função criativa ao viés psicopatológico da compulsão à repetição<sup>6</sup> e/ou da reação terapêutica negativa. Com o masoquismo ocupando esse lugar singular,

6 No trabalho “Compulsão à repetição: pulsão de morte ‘trans-in-vestida’ de libido” (Paim Filho, 2010), o autor diferencia o processo de investimento do transvestimento da pulsão de morte pela libido. Quando do advento do primeiro, teremos a possibilidade de repetições cambiantes e, quando do segundo, a compulsão à repetição do mesmo. No presente trabalho (2011), avanço, propondo a existência de uma compulsão à repetição do mais além do princípio do prazer, de caráter mais disruptivo, decorrente do masoquismo primário não erógeno.

temos instrumentos para propor a seguinte tese: o masoquismo, antes de tudo, é primário; à medida em que for sendo investido pela libido, vai fazer surgir o masoquismo primário e erógeno, com sua potencialidade para o devir do masoquismo feminino e moral. Porém, quando esse investimento não cumprir sua função de contenção estruturante, se manterá como masoquismo primário não erógeno. Ele se manifestará de forma mais *in natura*, sob o domínio da força indomada da pulsão de morte. Essa proposição pode ser exemplificada de forma lapidar, no processo analítico, mediante a reação terapêutica negativa, que, como sabemos, é produto do masoquismo moral do supraeu.<sup>7</sup> Esse masoquismo distingue-se pela dessexualização, ou seja, ocorre um afrouxamento do componente erógeno, que produzirá seus ditames de maneira coerciva. Cogitando essa ideia, a reação terapêutica negativa, que se caracteriza por uma situação paradoxal, adoecer ao melhorar, vem caracterizar a necessidade de punição decorrente do sadismo projetado nos objetos. Parece-me que esse dessexualizar faz reviver o masoquismo primário através do retorno sobre si mesmo, dependendo da intensidade, do erógeno ao não erógeno: quanto mais tanática a reação terapêutica negativa mais pulsão de morte, menos libido, mais necessidade de punição, menos sentimento de culpa.

Entretanto, devemos atentar para o assinalamento de Freud em *Análise terminável e interminável* (Freud, 1937/1969, cap. 6). Neste trabalho, encontramos a proposição de que a reação terapêutica negativa possa transcender o conflito entre o supraeu e o eu, indo além do interjogo prazer/desprazer, sugerindo, neste caso, que essa reação paradoxal esteja aprisionada de forma radical à pulsão de morte.

Uma parte dessa força já foi por nós identificada, indubitavelmente com justiça, como sentimento de culpa e necessidade de punição, e por nós localizada na relação ego com o superego. Mas essa é apenas a parte dela que, por assim dizer, está psiquicamente presa pelo superego e assim se torna reconhecível; outras cotas da mesma força, quer presas, quer livres, podem estar em ação em outros lugares não especificados. [...] Esses fenômenos constituem indicações inequívocas da presença de um poder na vida mental que chamamos de instinto de agressividade ou de destruição [...] (Freud, 1937/1969, p.276).

Temos aí a narrativa da proposta inédita de Freud, que faz da reação terapêutica negativa (RTN) tributária de uma dupla origem. Em face dessa nova concepção, o pulsional destrutivo passa a estar implicado intrinsecamente na gênese dessa manifestação clínica. Por isso, penso que ela é a manifestação no tratamento de algo que remete aos fundamentos da psique, a força do traumático, vinculada ao masoquismo primário não erógeno. Seguindo essa linha de trabalho, compreendo que a RTN primitiva é decorrente de uma pura necessidade de punição, de mandatos endogâmicos, aquém do conflito. Quanto à

7 Essa forma de nomear o “Über-Ich” freudiano, vem balizada pela versão proposta pelos tradutores dos *Escritos sobre a psicologia do inconsciente* (Hans, 2007). No comentário do editor brasileiro ao texto *O eu e o id*, encontramos suas justificativas para tal tradução. Parece-me adequada por ressaltar o aspecto do supra eu ser uma instância que paira sobre o eu, que vem ampliar a ideia limitada que o prefixo “super” denota em nossa língua: intensidade e força. Acredito que possa ser uma boa maneira de resgatar e suscitar discussões sobre as várias funções do *Über-Ich*, tais como: agente observador, consciência moral e albergar os ideais.

RTN decorrente do masoquismo moral, está atravessada pelo conflito e traz em seu bojo o sentimento de culpa.

Com essas perspectivas em mente, pretendo explorar a ideia das vicissitudes da pulsão de morte, nos seus caminhos e descaminhos, com a pulsão sexual, a partir do irrepresentável do masoquismo primário não erógeno. Sob esse ponto de vista ratifico: esse masoquismo é produto do encontro primordial das pulsões. Nesse tempo primeiro, é uma frágil ligação em que o erógeno ainda não se construiu. Recordemos Freud que, em 1930, corroborando essa ideia, nos adverte: “[...] mas não posso entender como foi que pudemos ter desprezado a ubiquidade da agressividade e destrutividade não erótica [...]” (Freud, 1930/1969, p.142). Com isso posto, temos recursos para vinculá-lo com o trauma primordial (Paim Filho & Terra Machado, 2005). Os autores postulam que esse traumático é produto da força da inscrição do pulsional, ligado às impressões e aos traços, fundando o aparato psíquico, que tem nos destinos pulsionais narcísicos anteriores ao recalque o seu vetor de execução: transformação no contrário e retorno sobre si mesmo. Ancorado nesse pensar, agrego que o trauma primordial carrega em seu cerne o masoquismo primário não erógeno, o qual vai lhe dar uma qualidade.

Seguindo por esse caminho exploratório, podemos propor a tese de que o inconsciente não recalcado tem sua instauração efetivada pelos destinos pré-recalque,<sup>8</sup> que vão estar implicados na contenção e na efetivação do masoquismo primário não erógeno, ao passo que o acontecer do recalque originário vai viabilizar o acontecer do inconsciente recalcado constituído e constituinte do universo representacional, tendo como elemento fundante o masoquismo primário e erógeno.

Partindo desse núcleo originário, podemos hipoteticamente delinear dois percursos não excludentes, mas concomitantes. O diferencial são as intensidades com suas especificidades qualitativas: o masoquismo primário não erógeno do trauma primordial segue pulstando sem uma intervenção mais ativa da libido; portanto, aquém do princípio do prazer, subordinado a uma pulsão de morte pouco domesticada, tendo como forma de expressão maior a compulsão à repetição do que nunca foi prazeroso (Freud, 1920/2006), topograficamente localizado no inconsciente não recalcado. O outro caminho é a transformação em erógeno, que viabiliza o acontecer das representações, que remete ao inconsciente recalcado, regido pelo princípio do prazer, que busca efetivar o desejo pelos mais variados percursos – retorno do recalcado: sintomas, sonhos, transferência, atos falhos; retorno do forcluído: delírios, alucinações; e o retorno do desmentido: fetiche.

Quanto às manifestações clínicas das patologias do irrepresentável, penso na compulsão à repetição do mais além, repetição do que nunca foi prazeroso – presente, por exemplo, na toxicomania (patologias do ato) e na psicossomática. Mais aquém das suas singularidades, reflito na força de uma autodestrutividade pouco mediada pela libido. Esses sujeitos sofrem de imperativos categóricos que remetem à força de um masoquismo primário não erógeno, preso na trama de um “eu-realidade-originária”, permeado por pulsões parciais, pelo autoerotismo de uma pulsão de morte pouco mitigada pela força da

8 No trabalho “Destinos pulsionais narcísicos: o arcaico no psiquismo” (Paim Filho, 2012), o autor desenvolve a proposição de que os destinos pulsionais pré-recalque viabilizam a fundação do aparato psíquico. Visando dar sustentabilidade a sua hipótese, faz uma articulação com o caso do “Presidente Schereber” (1911) e com o artigo “Uma criança é espancada” (1919).



“solidariedade-excitatório-sexual”. Em face dessa configuração, tem na incorporação do objeto (precursor da identificação) sua fonte primordial de satisfação, que lhe garante alto grau de alienação frente à força pulsional perpetrada pelo outro, e, por conseguinte, as identificações acontecem de maneira precária. Deparamo-nos, assim, com a vigência de um psiquismo marcado pela premência de um estado de não desejo, de um narcisismo impossibilitado de cumprir sua função de um ideal, em que a droga ou o corpo biológico surgem como tentativas de aplacar (ligar) a dor não sentida do desamparo, do qual todos somos originários e que se manifesta de modo peculiar na angústia de vazio e/ou nas tormentas do corpo.

Proponho o seguinte esquema, na tentativa de dar alguma plasticidade às vicissitudes constitutivas do psiquismo, partindo do pressuposto de que o masoquismo primário não erógeno é o seu fundamento primordial.

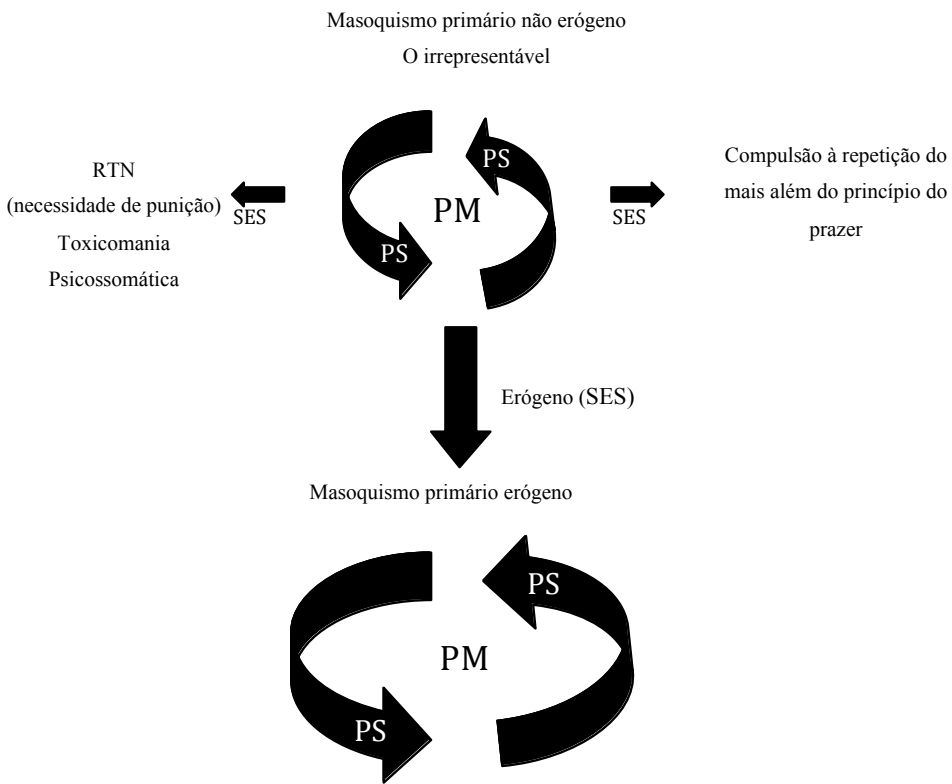


Figura1.

PS: pulsão sexual; SES: “solidariedade-excitatória-sexual”  
PM: pulsão de morte; RTN: reação terapêutica negativa

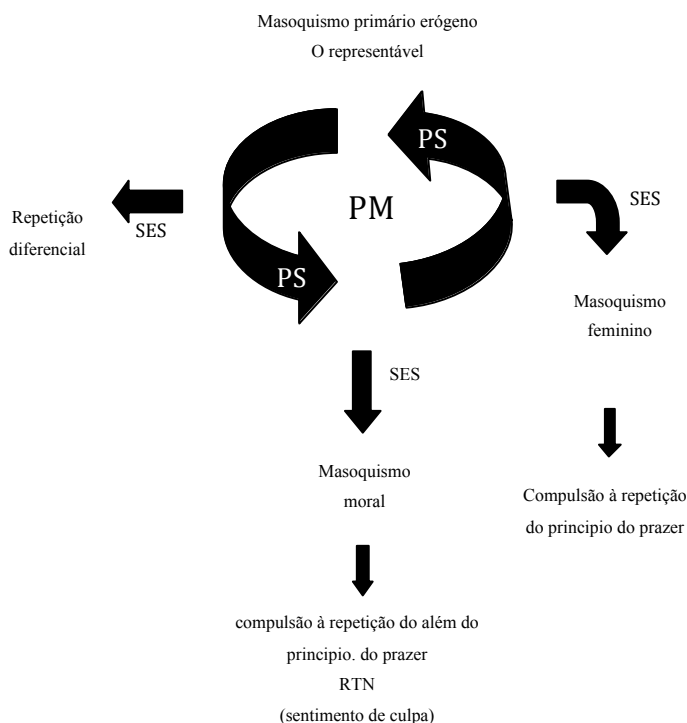


Figura 2.

Temos o ato como porta-voz do que não tem voz, a pulsão de morte em toda a sua plenitude anticultural, ou seja, a junção da força destrutiva do sujeito mais a força destrutiva dos objetos; estabelecimento de um pacto mortífero entre ambos. Esses objetos originários (figuras parentais) entram em cena trazendo, além do traumático da sedução, permeada pela libido que permite a criação de uma verdade histórica, o traumático da pulsão de morte, o acontecer da verdade material. Verdade essa que, por princípio, é incognoscível; o que se pode representar são seus atributos, enquanto a sua porção central, que lhe é intrínseca, segue de eterno inapreensível as coisas do mundo: “o que chamamos de coisa do mundo são restos subtraídos da apreciação judicativa” (Freud, 1895/1976, p.379). Sendo assim, esse lado obscuro do mundo (objetos), seus restos, inapreensível e incompreensível, estará sempre implicado com o que o objeto tem de mais destrutivo. Quando penso nesse núcleo central que constitui o objeto e o sujeito, recordo a pulsão, essa “coisa do mundo”, a que nunca temos acesso, a qual só conhecemos por seus atributos, que seus representantes informam. Por esse caminho, o traumático da verdade material diz respeito ao desconhecido do pulsional que o corpo e o objeto depositam sobre a psique. Esse é o não passível de ser subjetivado pelo aparato psíquico.

Nesse palco não erótico, temos um dos ápices do princípio de nirvana, a busca da tensão zero, tempo de ser objeto da pulsão anterior à edificação do objeto do desejo. Portanto, o que é encenado não é a construção de uma história, mas, sim, uma história sem construção. Dando sequência a essa assertiva, a função analítica deverá contemplar a possibilidade, balizada pela dinâmica da transferência, de instrumentalizar o recurso técnico da construção em e da análise.

Como último assinalamento, retomo a pertinência da sensação de estranhamento como uma forma de falar do inconsciente recalcado, dos destinos do masoquismo primário erógeno, mas também, indo mais além, como uma forma de comunicação do pulsional inscrito, mas não transcrito, que o masoquismo primário não erógeno representa. Entretanto, visando a mais clareza, reafirmo que Freud vai propor o estranho exclusivamente como retorno do recalcado. Porém, encontramos em seu texto ideias que nos permitem pensar no arcaico, no não recalcado, no retorno do que poderia ter sido, mas não foi.

Pois é possível reconhecer, na mente inconsciente, a predominância de uma “compulsão à repetição”, precedente dos impulsos instintuais e provavelmente inerentes à própria natureza dos instintos – uma compulsão poderosa o bastante para prevalecer sobre o princípio do prazer [...]. Todas essas considerações preparam-nos para a descoberta de que o que quer que nos lembre esta íntima “compulsão à repetição” é percebido como estranho (Freud, 1919/1969, p. 297).

A própria natureza da pulsão – eis aí uma expressão que faz ponderar sobre a força de apresentação da pulsão, do que não se deixa conter e transformar, pela trama representacional. Da repetição do traumático – compulsão à repetição, o que Freud chamou a “repetição da mesma coisa” (Freud, 1919/1969, p. 295). Seguindo por essa leitura, na qual encontro vestígios de um estranho que diverge das variadas formas conhecidas do retorno do recalcado, deparo-me com o sinistro, que desconsidera as leis que regem o princípio do prazer. Portanto, o estranho pode e deve ser encarado também como instrumento de comunicação do que carece de representação, que se vale das sensações por não poder fazer valer o sentimento. Em face dessa limitação do sentir, penso novamente na reação terapêutica negativa. Observo nela um grau extremado da vivência sinistra (melhora/agravamento), que convida o analista a ser um interlocutor que possa dialogar com essa negativa, que tem culpa, mas não sente, que pede punição, mas também não sabe, antes de tornar-se uma reação ou, para ser mais explícito, um ato carregado pela autodestrutividade.

Encerrando, ratifico: *Além do princípio do prazer* noventa anos de uma história viva, marco inaugural de uma nova era que visa fazer pulsar a força indomada da pulsão de morte. Pulsão essa que convoca, desafia, faz tremer e mesmo temer o pensar psicanalítico diante da proposta maior da ciência do inconsciente, que compreendo como uma ciência *Unheimliche*.<sup>10</sup> Essa consistindo em um discurso assentado em uma ordem divergente, que coloca em confronto permanente o não conhecer da pulsão de morte, entrecortado pelo conhecer/desconhecer da pulsão sexual, com o suposto conhecer propagado e visado por muitas de nossas ciências contemporâneas.

***Freud reinventando a Freud: un regreso a los orígenes  
(por una metapsicología de la pulsión de muerte)***

10 No artigo, “Psicanálise uma ciência *Unheimliche*: o mais além das neurociências”, o autor busca trabalhar a especificidade da psicanálise como ciência, fazendo uma interlocução com a proposta da neuropsicanálise. Nesse sentido, advoga a importância do princípio da incerteza e sua possível vinculação com a teoria pulsional, em especial a pulsão de morte como força desorganizadora do estabelecido. Força propulsora da criatividade.

**Resumen:** El texto propone repensar los noventa años de historia de *Más allá del principio del placer* (Freud, 1920). A partir del mismo, el autor se propone realizar un montaje que produzca sustentación a una metapsicología de la pulsión de muerte. Para llevar a cabo este objetivo, tomará como guías de su proposición los trabajos a continuación: *Lo extraño* (1919), *El problema económico del masoquismo* (1924), *La negación* (1925) y *El malestar en la cultura* (1930). Haciendo un recorte e hilvanando esos textos, discurre sobre los caminos y desvíos de la metapsicología de la pulsión de muerte, desde lo tanático a lo creativo, interrogándose sobre los orígenes del aparato psíquico. En ese sentido, se dedica a una lectura puntual sobre el masoquismo (1924), conjetura la pertinencia de que pensemos la existencia de un masoquismo primario no erógeno, cuya importancia estaría vinculada a los enlaces y desenlaces de las inscripciones psíquicas que remiten a lo que está más allá del principio del placer. Frente a ese escenario, propone pensar en los destinos de ese masoquismo primario no erógeno: de lo traumático, no susceptible a transformación (irrepresentable), al masoquismo primario y erógeno (representable).

**Palabras clave:** masoquismo primario, pulsión de muerte, no erógeno, creación.

**Freud reinventing Freud: back to the origins  
(metapsychological formulation on death drive)**

**Abstract:** The aim of this paper is to rethink the 90 years since the publication of *Beyond the Pleasure Principle* (Freud, 1920). With this work as a basis, the author seeks to compile and review texts that support a metapsychological approach to death drive. To such an end, he uses the following pieces as references: *The Uncanny* (1919), *The Economic Problem of Masochism* (1924), *Negation* (1925), and *The Uneasiness in Culture* (1930). By taking these texts into account, the author assesses the right and wrong turns of the metapsychological formulations on death drive, from thanatos to creation, looking into the origins of the psychic apparatus. Therefore, he reads specifically on masochism (1924) and states his conjectures on the relevance in considering the existence of non-erogenous primary masochism. Its importance could be associated with the connections and disconnections of psychic inscriptions that remit to what lies beyond the pleasure principle. Given this scenario, the author analyzes the destinies of this non-erogenous primary masochism: from trauma, which is not liable to transformation (non-representable), to primary and erogenous masochism (representable).

**Keywords:** primary masochism, death drive, non-erogenous, creation.

**Referências**

- Calvino, I. (1993). *Por que ler os clássicos* (N. Moulin, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1991).
- Freud, S. (1969). Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 9). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (1969). O estranho. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 17). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (1969). A negativa. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1925. Título original: *Die Verneinung*).
- Freud, S. (1969). Inibições, sintomas e ansiedade. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1926[1925]).
- Freud, S. (1969). O mal-estar na civilização. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1930. Título original: *Das unbehagen in Der Kultur*).

- Freud, S. (1969). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (J. Salomão, Trad., Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1937).
- Freud, S. (1969). Esboço de psicanálise. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1940[1938]).
- Freud, S. (1976). Proyecto para una psicología científica para neurólogo. In S. Freud, *Edición castellana de las obras psicológicas del Sigmund Freud*. (J. L. Etcheverry, Trad., Vol. 1). Buenos Aires: Amorrortu. (Trabalho original publicado em 1895).
- Freud, S. (2004). *La afasia*. In S. Freud, (R. Alcade, Trad.). Buenos Aires: Nueva Visión (Trabalho original publicado em 1891).
- Freud, S. (2004). *O recalque. Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hans, Trad., Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915).
- Freud, S. (2006). Além do princípio do prazer. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hans, Trad., Vol. 2). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2007). O eu e o id. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hans, Trad., Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (2007). O problema econômico do masoquismo. In S. Freud, *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*. (L. A. Hans, Trad., Vol. 3). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).
- Green, A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Escuta. (Trabalho original publicado em 1982).
- Green, A. (2010). *O trabalho do negativo*. (F. Murad, Trad.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1993).
- Hyppolite, J. (1998). Comentário falado sobre a *Verneinung* de Freud. In J. Lacan, *Escritos*. (V. Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1966).
- Paim Filho, I. A. (2009). Psicanálise uma ciência *Unheimliche*: o mais além das neurociências. *Revista Psicanálise da SBP de PA*, 11(2).
- Paim Filho, I. A. (2010). Compulsão à repetição: pulsão de morte “trans-in-vestida” de libido. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 44(3).
- Paim Filho, I. A. (no prelo). Destinos pulsionais narcísicos: o arcaico no psiquismo (Sobre Schereber em nós). In I. A. Paim Filho & R. Almeida (Org.), *Entre Freud, Schereber e a clínica: escritos da alma*.
- Paim Filho I. A. & Frizzo P. (2008). O pulsar da pulsão e os enigmas da criação. *Revista da Sociedade de Psicologia do RS*, 7(1).
- Paim Filho, I. A. & Leite, L. (2010). Novos tempos: velhas recomendações II. *Revista Psicanálise da SBP de PA*, 12(1).
- Paim Filho, I. A. & Terra Machado, A. P. (2005). O trauma primordial na dialética do representável e do irrepresentável. *Revista Psicanálise da SBP de PA*, 7(2).
- Paim Filho, I. A. e col. (2011). Solidariedade-excitatória-sexual: um conceito metapsicológico? *Revista do Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre*, 20(18).

[Recebido em 9.10.11, aceito em 20.12.11]

Ignácio Alves Paim Filho  
Rua Felipe Néri 457,401  
90440-150 Porto Alegre, RS  
Tel: 51 3321 3825  
paimiga@terra.com.br